

Ganhando dinheiro para manter a floresta em pé

Com financiamento da União Européia, 70 famílias na Ilha do Marajó participam de projeto de redução da poluição

Chico Otavio

Enviado especial

• CURRALINHO, PARÁ. Uma pequena comunidade da Ilha de Marajó, no Pará, conseguiu fazer o que as nações mais poderosas do planeta tentam sem sucesso há mais de uma década: aplicar na prática o conceito do seqüestro do carbono — captação de CO₂ em excesso na atmosfera. Em Bom Jesus do Aramaquiri, vila rural do município de Currallinho, 70 famílias estão sendo remuneradas para manter a floresta em pé.

Desde a Rio-92, a conferência promovida há 11 anos no Rio, a ONU busca um consenso para reduzir a emissão de gases poluentes no mundo. A idéia de criar mecanismos de compensação chegou a ser formatada na Convenção de Kioto, em 1997. Mas os países ricos não aceitam diminuir o ritmo de suas economias e os pobres exigem compensações financeiras para explorar me-

nos os recursos naturais.

Sem conhecer nada desta complicada discussão, a comunidade de Bom Jesus, que até o ano passado negociava suas mercadorias na base do escambo, conseguiu dar um passo à frente na agenda ambiental planetária.

Dívida será quitada com serviços agroambientais

Para não derrubar ou queimar mais, a comunidade de Bom Jesus recebeu no início do ano investimentos de US\$ 140 mil do Banco Mundial e dos países da União Européia. Este financiamento (o principal e os juros) será pago com o que os ambientalistas chamam de geração de serviços agroambientais. Significa manter a capacidade das matas de captar o carbono.

Cada família, para participar do projeto "Desenvolvimento local, proteção da biodiversidade e mudanças climáticas", se comprometeu a destinar 20 hectares de suas



Fotos de Victor Soares/Agência Brasil

ESTUDOS MOSTRAM que será possível captar 4,2 mil toneladas de carbono por ano com o projeto

terras à preservação.

Estudos demonstram que, na vegetação de capoeira (mato que nasce após as derrubadas de mata virgem), por exemplo, cada hectare em fase de crescimento pode capturar por ano, no processo de fotossíntese, três toneladas de car-

bono da atmosfera.

Se todos cumprirem a sua parte, será possível o seqüestro de 4.200 toneladas de carbono por ano. O centro experimental em Bom Jesus foi instalado com o apoio do programa Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia (Poema), da Uni-

versidade Federal do Pará.

O sociólogo alemão Thomas Mitschein, coordenador-geral do Poema, explicou que, no Brasil, a queima de florestas produz mais CO₂ do que a combustão nas grandes cidades. Evitar que isso aconteça, porém, não é o único objetivo do projeto.

— Com o compromisso, Bom Jesus deixou de produzir carbono com a suas queimadas ao mesmo tempo que está protegendo as áreas de floresta primária — disse.

Há 11 anos, quando a Rio-92 discutiu o assunto, o mundo persegue este objetivo. Desde essa época, concluiu-se que era necessário forçar os países industrializados a reduzir as emissões de poluentes e compensar os países em desenvolvimento que preservassem sua cobertura florestal. Para compensar os custos da redução, criaria-se uma espécie de mercado do carbono. Até hoje, contudo, os países não conseguiram definir como se vende e se compra CO₂.

Thomas Mitschein só acredita no sucesso da experiência se a população for mobilizada: — A estabilização do clima global não será possível sem o desenvolvimento local.

CHICO OTAVIO viajou ao Pará a convite da União Européia

Class.	12/10/2003	13
Data	12/10/2003	13
Fonte	Agência Brasil	(O País)
SOCIOAMBIENTAL		
Documentação		



A VILA DE BOM Jesus recebeu investimentos de US\$ 140 mil

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte _____
Data _____ Pg 13
Class. 39

Práticas predatórias são trocadas por recuperação

Dinheiro europeu é usado para estimular a produção e o replantio de áreas danificadas

● CURRALINHO, PARÁ. Receber dinheiro para manter a floresta em pé não significa ficar de braços cruzados. Com o projeto, os moradores de Bom Jesus do Aramaquiri abandonaram antigas práticas predatórias, como a queimada para o roçado e a extração indiscriminada de madeira nobre, para se dedicar à criação de peixes e pequenos animais, apicultura e produção de mudas.

Os investimentos não foram repartidos entre as famílias. Foram aplicados em benefícios que favoreceram toda a comunidade. A vila conta com um barco para transporte de mercadorias (serve para criar vínculos entre a produção e a conquista de novos mercados), telefone público, assistência técnica e uma planta industrial, destinada ao processamento de palmito, açaí, castanha-do-pará e castanha de caju.

Desde o início do ano, quando o projeto começou, os produtores recebem kits para agricultura, piscicultura, apicultura, avicultura e mudas de plantas para reprodução em viveiros, assistência técnica e capacitação.

Bom Jesus fica numa área de transição entre os ecossistemas dos campos e florestas na Ilha de Marajó. O coordenador-geral do Programa Ecologia e Meio Ambiente na Amazônia (Poema), Thomas Mitschein, disse que, na maioria das famílias, a renda média subiu de meio salário-mínimo para dois a seis mínimos:

— A mudança de renda ainda é pequena, mas a mudança de consciência é grande.

Além do compromisso de

não destruir mais, cada família se comprometeu também a recuperar um hectare que ela própria degradou. Para isso, recebe mudas de espécies nativas e assistência técnicas. Os moradores também aprendem a melhorar o solo com sistemas consorciados (espécies locais, como o açaí e o cupuaçu, com espécies exóticas, como a banana, o abacaxi e o caju).

O caboclo Francisco Miranda, de 71 anos, presidente da associação de moradores de Bom Jesus, lembra que, até o início do ano, a comunidade dependia da figura do regatão, vendedor que percorre os rios de barco, parando de lugar em lugar, e recebe produtos ex-

traídos da mata em troca de café, açúcar e outros mantimentos.

Francisco disse que os moradores sempre saíam perdendo, uma vez que as trocas eram feitas sempre em

condição de desvantagem para a comunidade. Com o beneficiamento dos produtos na própria vila e a compra de um barco, as famílias passaram a comercializar os seus produtos em melhores condições. O próximo passo, diz o dirigente, é montar uma cantina na própria vila.

— Hoje, plantamos e estamos beneficiando os produtos aqui mesmo. Já não precisamos tirar tanto da natureza. Temos consciência de que não ganharemos nada se sairmos destruindo tudo.

Com o sucesso da experiência em Bom Jesus, a Poema pretende ampliar o projeto de 70 para 500 famílias da Ilha do Marajó no ano que vem. ■

“A mudança de renda ainda é pequena, mas a de consciência é grande”

THOMAS MITSCHHEIN
coordenador do programa
